

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ

Administração: Apartado, 23 — BRAGA

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

AVENÇA — Custo da Assinatura Anual: 40 \$ 00 — Estrangeiro 80 \$ 00 * ANO XXV — N.º 480 — Melgaço, 1 de Setembro de 1971 * Tip. Augusto Costa & C.ª, Lda — Telex: 22455 - Braga

UM NOTÁVEL HISTORIADOR RELIGIOSO

SE fizermos uma consulta, mesmo breve, aos elucidários bibliográficos de Barbosa ou de Inocêncio, fácil nos será verificar que a cultura portuguesa está longe de ser pobre em matéria de historiografia religiosa. Desde hagiógrafos a teólogos, incluindo moralistas e historiadores propriamente ditos da vida da igreja no país, correntemente encontramos nomes, cuja evocação faz ocorrer uma vitalidade, infelizmente pouco dada a conhecer, ou pouco conhecida, pelos modernos peritos em cultura portuguesa. É preciso consultar os dicionários de livros e de autores, para se saber quais os temas predominantes da cultura de qualquer época, país, ou língua.

No entanto, falecido o P. Miguel de Oliveira, ousado historiador, que sucedeu ao ainda hoje notável Fortunato de Almeida, celebrado autor da «História da igreja em Portugal», (presentemente em reedição), apenas em algumas dioceses metropolitanas (desconhecemos o que se passa nas insulares e ultramarinas) se verifica ainda um certo interesse pelo descobrimento dos conteúdos dos velhos tomos eclesiásticos. E se Coimbra tem que dizer! E se Guimarães não tem outro tanto! E se Évora aspas, aspas!

Pois bem mas em Braga, cidade a que por tradição pertence a tarefa de rezar (diz o ditado: Braga reza, o Porto trabalha, Coimbra estuda e Lisboa descansa!) há hoje um sacerdote ilustre para quem se voltam muitas das vigilantes atenções existentes no país. Trata-se do Cônego António Luís Vaz (em linguagem barroca dir-se-ia: ilustre ornamento da Sé Primaz, mas, isso não vem ao propósito), que, depois de ter afinadamente dirigido, durante vários anos, o «Diário do Minho», jornal da diocese, é hoje o primeiro animador de um movimento de renovação, aliás perfeitamente dentro da moderação aconselhável aos cristãos, que periodicamente faz publicar a revista de estudos intitulada «Presença e Diálogo», de que já saíram, se não erramos, quatro fascículos, e onde o tema da história, da validade e da modernidade do celebrado rito bracarense tem sido tratado em lugar de primeiro plano.

Actualmente director de um importante semanário

(Continua na 4.ª página)

O Santo da Quinzena

S. João Facundo E. S. A.

Pela
Irmã Maria dos Anjos

Nasceu no ano de 1419, em San Fangon, cidade do reino de Leão, na Espanha. Distinguiu-se por uma fé ardente, santidade de vida e foi glorificado por muitos milagres.

Os pais de João eram fidalgos e bons cristãos João foi o fruto de muitas orações, pois longos anos estiveram os pais sem esperança de ter filhos. A educação que recebeu foi a melhor possível e tendo chegado ao uso de razão, foi entregue aos religiosos Beneditinos, sob cuja direcção e vigilância fez os estudos das belas ciências. Mais tarde chegou à corte do Bispo de Burgos, que lhe conferiu o sacramento da Ordem e recebeu-o no cabido.

Com consentimento do Bispo,

(Continua na 4.ª página)

D. António Barroso

por A. LUIS VAZ

Passou, há pouco, o centenário do nascimento do grande Bispo Missionário, D. António Barroso. Quis a Agência Geral do Ultramar que o facto se assinalasse, e, nesse sentido incumbiu, o nosso conterrâneo, cônego António Luís Vaz de escrever um livro sobre o Homem e os acontecimentos que lhe dizem respeito.

A Agência Geral do Ultramar acaba de lançar o livro «D. António Barroso» no mercado nacional.

É o 15.º livro, apesar duma vida consagrada inteiramente ao jornalismo, que lhe não permitia ocupar-se em assuntos de monta a exigir muita consulta, como os mais recentes: O Rito Bracarense; O Cabido de Braga; D. António Barroso.

Curioso verificar que estes — precisamente os mais exigentes em consulta a arquivos e documentos foram escritos depois de afastado da direcção do «Diário do Minho», e todos eles publicados em menos de dois anos.

O facto revela quanto o cônego Luís Vaz perdeu ao longo de 34 anos de jornalismo, por não ter seguido a sua verdadeira vocação: as letras. Recorde-se que vendeu à Editora Nacional o 2.º livro: — o romance «Chama que renasce». Tinha, então, 26 anos.

O artigo que hoje publicamos «Um notável Historiador Religioso» — veio em fundo no diário católico da Madeira «Jornal da Madeira» em 6 de Junho deste ano.

Demos mais vida à Igreja...

É precisa a crítica...

Honesta, humilde, para edificação...

A crítica ao Papa, ao Bispo, ao sacerdote, ao leigo, ao jornalista...

Vemos agora os grandes passos do Vaticano II. Para muitos, escândalo; para a Igreja, Povo de Deus, em peregrinação, a vida.

* * *

O Vaticano II consolidou a tese de que todos somos iguais, bispos, sacerdotes, leigos, Papa, em dignidade. Há diversos ministérios, diversas funções, mas somos todos iguais em dignidade. Compreende-se: acima dos filhos de Deus, só o Pai, só Deus.

O Vaticano II consagrou a expressão «comunhão hierárquica», como vida na Igreja. Como as três pessoas da Santíssima trindade. Formidável e bela! Não estraguemos a obra de Deus.

De maneira alguma se trata de grito contra a Autoridade, de subversão. Mas sim, de uma vida nova dentro da Igreja. O grande jurista Klo-

penbourg podia afirmar na REB (Junho de 1967): A crise da obediência não foi nem é apenas uma crise dos súbditos palavra, aliás pouco cristã quando se pensa nas relações Bispo-presbítero.

Comunhão hierárquica. Todos em união, em vida plena, realizando a plenitude do amor. Dos Bispos, nos diz o Senhor: quem a Vós ouve, a Mim ouve. Para os Srs. Bispos, diz o mesmo Senhor: — o que vós fizerdes a um destes é a mim que o fazeis. De maneira que, ao acercar-se um irmão leigo do seu Bispo, acerca-se de Cristo. Ao aproximar-se o Bispo do seu irmão, o religioso, o leigo ou o padre, acerca-se do divino. Tocar no seu irmão leigo, religioso ou sacerdote é tocar em Cristo! Eu sou a vida e vós os sacramentos. Porque não damos plenitude, beleza e vida a esta obra de amor?

(Continua na 4.ª página)

Antigualhas Melgacenses

XIII

PRADO e REMOÃES

(Continuação)

De Prado encontrei notícia curiosa do ano 1323.

A 1 de Julho o Cabido de Tui aforou a Martim Pires e a Marinha Eanes o Casal de S. Lourenço. Deveria ser grande casal porquanto o fóro ou renda a pagar era de 10 quarteiros de pão, 6 quarteiros de milho, 3 quarteiros de ceveira, e 1 quarteiro de órgio, tudo pela medida de Melgaço, e mais metade do vinho que Deus der, sendo o pão levado à eira e o vinho à dorna.

E mais ainda por direitos vários 10 soldos leoneses e 2 capões pelo Natal, 1 cabrito na Páscoa, 4 lampreias do Ribeiro em meados de março, e pelo S. João 2 afusais de linho e 9 soldos velhos de Portugal (1).

Algumas explicações para os menos versados nestes assuntos. Quarteiro era a quarta parte do moio e o moio era muito diferente de terra para terra como hoje o alqueire. Desde 16 a 64 alqueires havi muita variedade de moios. Por isso o documento frisa que é pela medida de Melgaço, que era o concelho, embora não expresso no documento. De notar que a medida tradicional de Melgaço, que eu saiba, é apenas suplantada pela de Castro Laboreiro. Assim, nas redondezas, o alqueire de Monção tem 20 litros, o de Valadares 24, o de Melgaço 30 e o de Castro Laboreiro 45.

Pão seria centeio ou trigo. Milho era menos usado. Era o milho miúdo, alvo ou painço. Daí haver lugares e propriedades chamadas ainda Painçães.

Ceveira designava «toda a espécie de grão frumentáceo, de que se fazia pão», segundo informa um pequeno «Dicionário Portátil das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram», publicado em 1825 por Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.

Órgio designava cevada, e da sua cultura ficaram propriedades e lugares com o nome de Orjaz.

A igreja de S. Lourenço já então era tida em público inte-

(Continua na 4.ª página)

Depois das férias...

- Alguém passou no meio de nós...
- Manhãs de Primavera...
- Tanta coisa linda se pode fazer...

À hora em que o nosso jornal tiver saído, muitos dos nossos conterrâneos e amigos, que vieram até junto dos seus, a esta linda terra, terão regressado aos lugares de trabalho.

Nos seus carros, nos comboios, nas camionetas, como puderam, lá se foram eles, deixando-nos umas lindas manhãs de Primavera. Aqui deixaram muito dinheiro. Nas suas famílias, nos comércios, nas igrejas, com suas promessas e a sua gratidão, foram lindas manhãs cantantes.

Mas alguém passou na nossa terra. Aqui estiveram Melgacenses que ajudaram a construir um Melgaço maior, na sua modéstia, na sua humildade.

Vamos lembrar alguns, já que nos é impossível recordá-los a todos. O sr. José Joaquim Domingues, da Carpinteira, que não pode frequentar uma Universidade, mas, com o seu trabalho, chegou a lugares dos de mais responsabilidade na escala social, a Director de um Banco no Rio de Janeiro. Pois

(Continua na 5.ª pág.)

Várias Notícias da Vila

ALFERES Dr. FRANCISCO ANTONIO PIMENTA ESTEVES — De visita à sua família, esteve nesta Vila o Ex.mo Senhor Alferes Dr. Francisco António Pimenta Esteves, distinto médico, actualmente em cumprimento da sua missão de soberania na nossa provincia ultramarina de Angola.

Ao ilustre visitante, que é sobrinho do nosso conterrâneo Sr. Dr. António Cândido Esteves, Director Clínico do Hospital da Misericórdia, apresentamos os nossos cumprimentos.

ANTÓNIO LOURENÇO DE MOURA — Acompanhado de sua Esposa Sr.a D. Maria Emília Mendes Fernandes de Moura, tivemos o prazer de ver nesta Vila o Sr. António Lourenço de Moura (Agente Comercial), residente em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

D. PALMIRA PIRES TEIXEIRA — Na sua residência da Rua da Calçada, desta Vila, vinda da cidade do Porto, encontra-se a nossa estimada assinante Sr.a D. Palmira Pires Teixeira, acompanhada da Sr.a D. Alice Andrade de Oliveira.

Os nossos cumprimentos

ANTÓNIO JOSÉ FERREIRA — Acompanhado de sua mãe Sr.a D. Maria de Lurdes do Paço Ferreira, irmãos e de sua noiva menina Célia Maria Mendes Fernandes, funcionária da Caixa Geral de Depósitos, tivemos o prazer de ver nesta Vila de visita à sua família, o nosso conterrâneo Sr. António José Ferreira (Perito Contabilista dos Transportes Aéreos Portugueses (T.P.A.)).

A todos os nossos cumprimentos.

ANTÓNIO DO PAÇO — Após ter passado as suas férias nesta Vila, junto dos seus familiares, partiu para Montchanin 71 (França) onde é industrial, o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. António do Paço, acompanhado de sua esposa Madame Wandá Rombel do Paço e filha Mademoiselle Marie Claude do Paço.

Desejamos que tivessem feito boa viagem e os nossos cumprimentos.

GASPAR PASSOS DE ALMEIDA — De visita à sua família esteve na «Quinta dos Esparizes» desta Vila o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Gaspar Passos de Almeida, acompanhado de sua Esposa, residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Dr.a D. MARIA FERNANDA SANTOS DO VALE — Em gozo de férias, encontra-se nesta Vila, junto de sua família a nossa conterrânea, Sr.a Dr.a D. Maria Fernanda Santos do Vale, residente em Espinho.

Os nossos cumprimentos.

ANTÓNIO RODRIGUES — Como nos anos anteriores, esteve a passar alguns dias em casa do seu amigo, Sr. Henrique Pinto, em Remoães o Sr. António Rodrigues, funcionário dos escritórios das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, em Lisboa, acompanhado de sua esposa Sr.a D. Constância Rodrigues.

Os nossos cumprimentos.

TENENTE ABÍLIO CONDE — Tivemos o prazer de ver entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Tenente Abílio Conde, Dg.mo Comandante de Secção da Guarda Fiscal, em Mogadouro, acompanhado de sua Ex.ma Esposa.

Os nossos cumprimentos

MÁRIO AUGUSTO FELICIANO — Vindo de Lisboa, onde é Agente Comercial, esteve nesta Vila, de visita à sua família, o nosso amigo conterrâneo e estimado assinante Sr. Mário Augusto Feliciano, acompanhado de sua esposa Sr.a D. Maria do Carmo Feliciano, e filha Maria Gabriela Feliciano, aluna do 6.º ano do Liceu D. Pedro V, da aquela cidade.

Os nossos cumprimentos.

D. MARIA MANUELA LIMA — Tivemos o prazer de ver entre nós durante alguns dias a Ex.ma Sr.a D. Maria Manuela Lima, funcionária superior da Direcção Geral dos Transportes Terrestres em Lisboa.

A ilustre visitante, que percorreu quase todo o nosso concheio, apreciando as suas belezas, apresentamos os nossos cumprimentos.

JOÃO FERNANDO DA CRUZ RAMOS — De visita à sua família, esteve entre nós, durante alguns dias, o nosso amigo Sr. João Fernando da Cruz Ramos, funcionário do Commissariado do Desemprego, natural de Guimarães.

Os nossos cumprimentos.

ARMANDO LOURENÇO DO PAÇO — Acompanhado de sua esposa, Madame Ivete do Paço e filho Pascal do Paço, partiu para Strasbourg (França) depois de ter passado as suas férias, o nosso conterrâneo Sr. Armando Lourenço do Paço.

Desejamos que tivesse feito boa viagem e felicidades.

PADRE Dr. ANTÓNIO ESTEVES — Para o Brasil, partiu o Sr. Padre Dr. António Esteves, de Rouças, que ali foi em companhia dum seu Professor da Gregoriana realizar um estudo de sociologia, da sua especialidade. O nosso abraço de despedida e que demore por lá pouco tempo.

OCTAVIO SALVADOR GONÇALVES — Partiu para França depois de ter gozado as suas férias, junto de sua família, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Octávio Salvador Gonçalves, acompanhado de sua esposa Sr.a D. Germana Rodrigues, filho e sogra D. Maria Rodrigues.

Desejamos que tivessem feito boa viagem.

DÁLIO DOS SANTOS PEIREIRA — Acompanhado de sua esposa Sr.a D. Maria Jamária Gonçalves e filhos, partiu para França, após ter gozado as suas férias, o nosso estimado assinante, Sr. Dálío dos Santos Peireira.

Que tivessem feito boa viagem, são os nossos desejos.

CARLOS ALBERTO DO PAÇO — Acompanhado de sua esposa Sr.a D. Palmira da Costa Vêlo e filho António Carlos, partiu após ter gozado as suas férias o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Carlos Alberto do Paço, residentes em Montchanin, 71 — França.

Desejamos que tivessem feito boa viagem.

JOÃO FRANCISCO VILAS — Vindo do Canadá, encontra-se nesta Vila, de visita à sua família, o nosso conterrâneo, Sr. João Francisco Vilas, acompanhado de sua esposa Sr.a D. Flor Vilas e filha Graça Flor Vilas.

Os nossos cumprimentos.

ANTÓNIO DE MELO — De visita, tivemos o prazer de ver nesta Vila, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. António de Melo, «Linotipista» da Empresa do nosso prezado colega «Diário do Minho», na cidade de Braga.

Os nossos cumprimentos.

ACÁCIO F. RODRIGUES — Após ter passado cerca de um mês junto dos seus familiares, nesta Vila, partiu para a Alemanha o nosso amigo Sr. Acácio F. Rodrigues, acompanhado de sua esposa, Senhora D. Maria Madalena da Costa Velho Rodrigues e filhos.

Boa viagem e felicidades.

D. MARIA INÁCIO MARTINS — Para França partiu há dias a nossa conterrânea Sr.a D. Maria Inácia Martins, acompanhada de sua sobrinha Maria José Inácio e sua neta Duardina Saraiva, após terem passado férias nesta Vila, de visita à sua família.

Desejamos que tivessem feito boa viagem.

D. ROSA FERNANDES — Acompanhada de seu marido, ambos funcionários do Hotel Tivoli de Lisboa, estiveram entre nós a Sr.a D. Rosa Fernandes, da Aldeia, Rouças, que regressou às suas propriedades de S. Pedro do Sul. A Senhora Rosa é uma grande benemérita das Obras de Santa Rita.

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

ALFERES RODRIGUES — A descansar em Vila Praia de Ancora, está o nosso distinto colaborador alferes Manuel J. Rodrigues e oficial do nosso exército, em defesa no Ultramar.

O nosso abraço.

JOÃO OCTAVIO RODRIGUES — Acompanhado de sua esposa Sr.a D. Madalena Pereira Rodrigues e filhos, encontra-se entre nós, vindo de França, o nosso conterrâneo Sr. João Octávio Rodrigues.

Os nossos cumprimentos.

EDUARDO GOMES DA SILVA — Tivemos o prazer de ver nesta Vila o nosso amigo e estimado assinante Sr. Eduardo Gomes da Silva, conceituado comerciante e industrial, em Oliveira de Azemeis, acompanhado de sua esposa e sobrinha.

Os nossos cumprimentos.

ANTÓNIO RODRIGUES REGO — Partiu para França, depois de ter gozado as suas férias o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. António Rodrigues Rego, acompanhado de sua Esposa Sr.a D. Leonor Araújo e filha, Rosa Maria, residentes em Le Creusot, 71.

Os nossos cumprimentos e desejos de boa viagem.

HILÁRIO DA ROCHA — Encontra-se entre nós de visita à sua família o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Hilário da Rocha, residente em França.

Os nossos cumprimentos.

MANUEL JOSÉ LOURENÇO — Vindo de França, encontra-se na freguesia de Rouças o nosso amigo e estimado assinante Sr. Manuel José Lourenço.

Os nossos cumprimentos.

ANTÓNIO JOSÉ FIGUEIREDO — De visita, tivemos o prazer de ver nesta Vila, o Sr. António José Figueiredo, gerente da Agência do Banco Pinto de Magalhães em Seia.

Ao ilustre visitante, que já exerceu as suas funções na Agência desta Vila, apresentamos os nossos cumprimentos.

ARMANDO VAZ — Vindo da Alemanha, encontra-se entre nós, o nosso amigo Sr. Armando Vaz, acompanhado de sua esposa D. Fátima Esteves Vaz e filhos.

Os nossos cumprimentos.

HENRIQUE FRANCISCO ALVES — Vindo de França, encontra-se entre nós de visita à sua família, o nosso conterrâneo Sr. Henrique Francisco Alves, acompanhado de sua esposa, Sr.a D. Teresa Massalá e filhos, residentes em Lyon.

Os nossos cumprimentos.

ANTÓNIO DA ROCHA REIS — Acompanhado de sua esposa, tivemos o prazer de ver nesta Vila vindo de França o nosso conterrâneo Sr. António da Rocha Reis.

Os nossos cumprimentos.

MANUEL HERNANI DE ALMEIDA — Tivemos o prazer de ver entre nós, o nosso conterrâneo Sr. Manuel Hernani de Almeida, Dg.mo Sub-Chefe da P.S.P., em Guimarães.

Os nossos cumprimentos.

MANUEL CARDOSO — De visita à sua família, esteve entre nós o nosso conterrâneo Sr. Manuel Cardoso, acompanhado de sua Esposa.

Os nossos cumprimentos.

DE ROMA — Vindo de Roma, onde concluiu a sua formatura, via Alemanha, França e Espanha, chegou há dias à nossa terra, o Sr. Padre Dr. Carlos Nuno Salgado Vaz nosso colaborador. A Orense, foram esperá-lo seu padrinho, Padre Carlos Vaz e Professor Manuel José Rodrigues. O nosso abraço de boas vindas. O Sr. Padre Carlos Nuno está a preparar a publicação da sua tese, a que o teólogo de renome internacional, Dr. Chenu prestou grande homenagem.

SARGENTO HILÁRIO — Vindo das Ilhas, em bem merecido descanso, encontra-se no lugar da Igreja, o nosso amigo e antigo colaborador, Sr. Sargento Hilário Rodrigues, a quem renovamos os nossos cumprimentos.

CHEFE DA POLICIA JUDICIARIA — Esteve entre nós, acompanhado de sua Esposa, digna funcionária da Direcção Geral de Segurança, em Lisboa, o nosso estimado amigo, Sr. Manuel Fernandes de Sousa, da Aldeia, Rouças, que há pouco prestou provas de promoção a chefe de brigada, tendo sido o 2.º classificado. O nosso abraço.

Recoveiro Rogério

de MONÇÃO

Recebe encomendas para:

MONÇÃO, MELGAÇO e S. GREGÓRIO

Paragem no PORTO:

RUA DO LOUREIRO, 36 ou RUA DA MADEIRA, 218
Até às 18 horas

Em MONÇÃO:

RUA GENERAL PIMENTA DE CASTRO

CONVERSANDO

(À saída da missa)

— Então, compadre, já por lá pinta o bago?!

— Isso sim! O povo bem está no vezo de dizer: *Pelo Santiago, pinta o bago!* Mas este ano não há Santiago que lhe valha!

— Olhe: eu por mim já tenho a vindima feita. As vindimas ainda começaram a dar boas esperanças, mas uma trovada com granizo, aqui há semanas, fez uma tal limpeza que me tirou as esperanças todas. É bem verdade que a gente só tem o que Deus quer!

— Este ano vai assim: está tudo serôdido e grande parte das colheitas perderam-se com os aguaceiros que vieram em Maio, Junho e Julho.

— E por que será, compadre, que até já o tempo parece ter perdido também o juízo?! A minha avó dizia que o tempo é a única coisa que anda à vontade de Deus; mas, pelos vistos, já nem o tempo...

— Realmente, este ano não há meio de calhar o verão: mostra-se dois ou três dias, faz-nos tirar o casaco e beber uns pirlitos, mas vai-se logo embora, com umas ameaças de chuva e uns frios que parecem de Novembro. Mas não tenhas dúvida, compadre, que o tempo anda sempre à vontade de Deus. E, se ele não nos vem a jeito, é caso para pensarmos que Deus não estará contente conosco!

— Essa agora, compadre!

— É tal qual como te digo! A bênção de Deus mostra-se frequentemente na fecundidade da terra e na amenidade do clima; quando os homens desrespeitam a Sua Lei, Deus faz-lhes compreender, muitas vezes através de castigos e de calamidades, que a medida da misericórdia está quase cheia e pode chegar, dum momento para o outro, a hora da justiça. Foi assim através dos tempos e a Sagrada Escritura é fértil em exemplos e episódios onde se vê claramente a mão de Deus na escassez dos frutos, na esterilidade da terra, na escassez da chuva e na abundância das colheitas. Nós é que procuramos explicar sempre tudo por causas meramente naturais e esquecemos que as próprias causas naturais são a maneira ordinária como a Providência de Deus governa o mundo.

— Quer então o compadre dizer que a falta ou o excesso de chuvas, a falta ou o destempero do calor, são instrumentos da justiça divina?!

— E que dúvidas tens tu a esse respeito?! Deus até sabe escrever direito por linhas tortas, o que quer dizer que sabe sempre tirar o bem até mesmo do mal. Que admira, pois, que as intempéries do céu, que não são males absolutos, sejam instrumentos nas mãos de Deus?! Tu lembra-te de que os homens são sempre mais fáceis em esquecer a Deus, quando tudo lhes corre bem. No meio das facilidades, não se lembram os homens de agradecer ao Senhor os dons da saúde, da fertilidade, da alegria. Só quando a dor ou o revés lhe bate à porta é que se voltam para Deus, gritando por socorro. Por isso, as contrariedades e os sofrimentos

são muitas vezes a mão de Deus que bate à nossa porta.

— O povo bem diz que a gente só se lembra de Santa Bárbara, quando soam os trovões!

— Estou a lembrar-me dum grande escritor francês, François Coppée, que perdeu a fé, durante a juventude, e foram precisamente os revezes da vida, por sinal bem amargos para ele, que lhe fizeram reencontrar o Deus da sua infância. Esse homem escreveu até um livro, *La bonne souffrance*, que tu farias muito bem em ler. Lá nos descreve ele como Deus o chamou à fé, através do sofrimento. Assim, no meio das calamidades e do desgoverno do tempo que nos faz gorar as colheitas e inutilizar as nossas fadigas, também nós devemos voltar-nos para Deus, lembrando-nos de que tudo nos vem d'Ele: a chuva, o sol, o frio, a geada.

— O compadre está-me a entrar nos bolsos!...

— E tenho alguma razão para isso! Lembra-te tu de que, desde que entrou o verão, por causa dos trabalhos do campo, já tu ficaste dois ou três Domingos sem Missa! E, afinal, que lucraste tu?! Não guardaste o preceito da Igreja, deste escândalo aos que têm pouca fé e as colheitas são o que se vê. Não te aproveitou nada o trabalho: nem para Deus, nem para o diabo!

— É verdade, compadre, mas que lhe hei-de eu agora fazer?!

— Pensar naquela palavra de Nosso Senhor: «Procurai, primeiro, o reino de Deus e a Sua justiça, que o resto se-vos-á dado, por acréscimo».

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

VENDE-SE

Propriedade com residência e montado no lugar da Igreja, Troviscoso - Monção. Em conjunto ou em lotes. Falar com José Mendes - Lavandeira - MONÇÃO.

De Prado

Festa de S. Lourenço

— Como nos anos anteriores, realizou-se em 10 de Agosto, a festa ao nosso secular Padroeiro milagroso S. Lourenço, nada faltou; estão de parabéns todos aqueles que tomaram o encargo de a realizar, como de costume presididos pelo nosso zeloso Pároco.

Emigrantes—Foi em grande número a comparência dos nossos emigrantes que lá longe lutam para conseguir colocar a terra que lhes serviu de berço no grau que merece. Aqui tudo é belo, dá prazer observar o excelente panorama que se observa, não só o que a natureza nos dotou que se encontra exposto em anfiteatro, como ares puríssimos, águas minerais que com elas centenas de padecentes conseguem as suas desejadas curas! A água potável é magnífica, e filtrada por meio das rochas, o solo é o que há de melhor!... E aqui que são produzidos deliciosos vinhos brancos e tintos, tanto nesta freguesia como em outras que fazem parte do concelho de Melgaço.

Há magníficas frutas que já são procuradas por negociantes das Capitais, pelas quais oferecem avaliadas quantias! Tendo este correspondente presenciado as ofertas feitas; só pela fruta de um Pomar que existe na freguesia de Penso, ficando a fruta por conta daqueles compradores bem como todas as despesas com a apanha, encaixotamento e transportes, fizeram a oferta de 50 000\$00!... O que o seu proprietário ainda não aceitou. Além de tal Pomar, existe outro que pertence ao grande homem de iniciativa que todos nós conhecemos, que é o sr. António Fernandes, e tal Pomar fica próximo da Estrada Nacional no local denominado Barqueira da freguesia de Alverde, e a fruta deste senhor, encontram-na mais aumentada, pretenderam transacioná-la, não podendo eu apresentar a oferta que foi feita.

Estão de parabéns todos aqueles que modificam as suas culturas, visto aquele pomar cuja parte ocupada poderia produzir 100 alqueires de milho, mas tirando-lhe 50% para despesas, ficariam de líquido 50.

Há mais Pomares que foram plantados este ano, do que eu em devido tempo informarei.

MAIS UMA SORTE GRANDE
MAIS 4 200 CONTOS

distribuídos em 19/8/71
aos balcões da

CASA DA SORTE

1.º PRÉMIO — 45 719
4 200 CONTOS

Na próxima 6.ª feira, às 12 horas

LOTARIA DAS VINDIMAS

9 000 CONTOS
apenas por 600\$00

Tente a sua Sorte na Lotaria
com o Carimbo da

CASA DA SORTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO MUNDO
EM LOTARIA E TOTOBOLA

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida
no Peso pelo Café Bar Recreio

Sobre admiradores desta tão linda terra do Alto Minho, não só os naturais daqui que a equiparam com outras, nas quais lutam para colocar a sua terra no grau que merece, como os que nos visitam, que são às centenas. Vêm-se esses visitantes em grande número a acompanhar os seus companheiros de trabalho ocupando em conjunto as lindíssimas vendas, brancas de neve, entre os pinhais, rodeadas de verduras, pomares e jardins!... Entre tais admiradores encontram-se diversos assinantes deste quinzenário.

Alguns deles:
Senhor Alípio Gonçalves e família, Lindolfo Gonçalves, seu filho estudante Universitário, Luís Filipe Gonçalves, Senhor Professor Peixoto de Almeida e esposa, D. Maria Edite Natércia Gomes Pinheiro, Dr. Filinto Elisio Pinheiro de Almeida e esposa, D. Ana Maria Manrique Soares Carneiro de Almeida e Ex.ª família, D. Delfina Gomes de Sousa Gonçalves e filha, a menina Isabel Maria Gomes de Sousa

Gonçalves e sua tia, D. Rosa de Jesus Gomes Calheiros e tantos outros que parte deles já regressaram, tendo aqui passado as suas férias. — M. S.

Da Gave

22-8-71

Casamento — No dia 15 deste mês, teve lugar na Igreja paroquial desta freguesia, o enlace matrimonial da menina Maria Fernanda Caldas, do lugar de Eiriz, filha do senhor Alfredo Augusto Caldas, e da senhora Maria da Conceição Domingues, com o senhor Alvaro Esteves, do lugar de Cabenca - Riba do Moura, filho do senhor Acácio Esteves e da senhora Maria Rosa Esteves.

Paraninfaram o acto, o senhor Manuel Fernandes, amigo íntimo do noivo e a menina Maria de Jesus Fernandes, prima da noiva.

Aos noivos que são dotados das melhores condições pessoais, desejamos-lhes uma peregrina lua de mel e muitas felicidades pela vida fora.

Dr. Luís Domingues

CLÍNICA MÉDICA

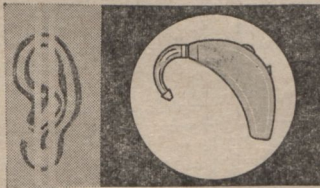
Rua Formosa, 253-2.º - Dt.º
Tel. 29415

PORTO

ATENÇÃO SURDOS DE MELGAÇO

VOLTAR A OUVIR É VOLTAR A VIVER

A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispor na



685 Danavox INTERNATIONAL

FARMÁCIA DURÃES

MELGAÇO

no dia 8 de Setembro das 9,30 às 10,30 horas, onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: Óculos auditivos — Modelos de bolso — Modelos retroauriculares — Modelos Pérola IV e Miracle VI (usados dentro do ouvido sem fios nem tubos e os sensacionais modelos populares).

A CASA SONOTONE facultar-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas.

Visitem-nos na FARMÁCIA DURÃES no dia 8 das 9,30 às 10,30 horas.

CASA SONOTONE } Praça da Batalha, 92-1.º — PORTO
Poço do Borratém, 33 s/1 — Lisboa

Foto CALDAS

TELEFONE, 42220
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.

UM NOTÁVEL HISTORIADOR RELIGIOSO

(Continuação da 1.ª pág.)

regionalista e cultural, «O Arauto», publicado em Santo Tirso, o P. Vaz, com maior disponibilidade de tempo, tem vindo a tornar do domínio público os resultados das suas silenciosas e morosas investigações respeitantes à arquiocese bracarense. Não nos importa agora citar, nem sequer aludir em pormenor, aos textos que na imprensa periódica vem revelando. Basta-nos concentrar alguma atenção em dois livros de vulto, cuja importância merece ser, a muitos títulos, convenientemente sublinhada. Referimo-nos ao estudo sobre «O Rito Bracarense» (1970) e ao estudo inventariativo intitulado «O Cabido de Braga», (1071-1971), ou seja, a um estudo sobre a existência e a essência de um rito secular, e a um estudo sobre um milénio da igreja local de Braga, que o mesmo é da igreja em Portugal, aí, onde se decidiu (e por causa) grande parte da nação portuguesa como país autónomo.

Quanto ao rito bracarense, num tempo em que os foros do vernáculo ganha nova dimensão, atribuindo à liturgia a possibilidade de se adaptar em função das ecologias culturais, nunca a sua actividade terá sido tão grande. Seria, por isso, grave pena o poder verificar-se que, olvidando razões fundamentais, o rito fosse posto em causa, quando, na verdade, para além da sua importância histórica, cultural e religiosa, o rito bracarense, com calendário e santuário próprios, afirma uma propriedade específica da tradição litúrgica em terras portuguesas. Defensor acérrimo da pureza do rito, A. Luís Vaz alguma vez terá visto a sua tese mal ouvida. Tanto pior! O seu testemunho em prol da liturgia viva não podia ser, nem mais perfeito, nem mais altivo. De resto um conhecimento adequado ao processo histórico e litúrgico do rito, só pode ser conseguido por quem ler o seu importante estudo.

De leitura mais difícil e menos voraz se nos afigura o milénio do Cabido de Braga, cujo conteúdo pode interessar, obviamente, a especialistas muito entendidos nestas esconsas miscelâneas históricas a que só a beneditina paciência de A. Luís Vaz se poderia meter com afincos e resultados positivos. Não importa: o livro do milénio aí está. Lê-lo, é ver por baixo das letras mil anos do catolicismo português. É subentender a disputa de Braga e Santiago, a primacialidade da Sé bracarense no de tributações que levaram, enfim, contexto peninsular, as razões que levaram um filho a digladiar a mãe, para, de um condado, fazer um país, mesmo sem ter poetas a recitarem o canto «del Cid», que havia em Castela e Aragão.

Que prova isto?

Prova à saciedade que é possível fazer bom trabalho quando se têm boas intenções, e quando se busca uma perspectiva liberta de lugares comuns. Em monografias semelhantes às do P. Vaz se constrói, depois, o compêndio da história geral, ou o compêndio da história da civilização.

Por isso, não nos repugnou dar a este breve e despretencioso artigo o título que leva, de «um notável historiador religioso». Acrescentamos agora: A. Luís Vaz.

PINHARANDA GOMES
Especial para «Jornal da Madeira»

Demos mais vida à Igreja...

(Continuação da 1.ª página)

* * *

É precisa a crítica na Igreja! Bem entendido, crítica de irmãos, em edificação do Corpo Místico, em humildade e modestia. Ninguém está isento de pecados. A História da Igreja mostra-nos como dentro dela, pelos séculos fora houve tantos pecados.

O famoso Cardeal Koenig, arcebispo de Viena, dizia aos jornalistas no Congresso da União Católica da Imprensa, realizado em Berlim, a 2 de Julho de 1968: Quando vos dizemos que nós devemos combater as imperfeições da Igreja, este «nós» inclui todo o mundo: O Papa, o concílio, os bispos, os sacerdotes, os leigos e

entre estes, sobretudo os jornalistas.

«O Concílio pôs especialmente no coração dos Bispos e dos Padres que a sua tarefa não é reinar, mas servir. Se o jornalista católico considera a sua tarefa como um serviço análogo, ele poderá exprimir-se francamente e, por vezes, com dureza, contanto que esteja de boa fé, para assinalar as imperfeições da Igreja. Não é só um direito, mas também um dever. Se nesta hora decisiva, a Igreja dum país camprisse imperfeitamente a sua missão para com o mundo e os homens, uma boa parte de responsabilidade cairia sobre os jornalistas católicos».

Nada de demagogia, de fal-

O Santo da Quinzena

(Continuação da 1.ª página)

fez um curso suplementar de teologia, na Universidade de Salamanca. Aí iniciou também uma série de pregações com muitos bons resultados. Dois jovens fidalgos tinham matado dois companheiros, facto que provocou uma luta formidável entre as duas famílias interessadas, do que resultou em consequência a formação de dois partidos, que se guerreavam sem tréguas. A própria mãe dos assassinados tomou nas mãos a obra da vingança dos filhos; vestiu-se à maneira de soldado e acompanhada de alguns dos sicários, perseguiu os criminosos, que se tinham refugiado em Portugal, onde os encontrou e barbaramente os assassinou.

João Facundo pôs-se entre os dois partidos, e com orações e penitências conseguiu harmonizá-los.

Acometido de grande doença, fez voto de entrar numa Ordem religiosa caso recuperasse a saúde.

Restabelecido, pediu admissão na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho.

Admiráveis foram os progressos que fez na santidade, tanto que pouco depois foi nomeado mestre dos noviços e Prior do convento. Sob a sua competente direcção, o convento chegou a um florescimento extraordinário. Não obstante, continuou com a pregação, que trouxe a muitas almas a conversão e a paz.

A franqueza apostólica de que usava nos sermões, trouxe-lhe muita perseguição. A um duque, que o repreendeu áspera e ameaçadoramente, disse: «Senhor, deves saber que o pregador não se deve acanhar em dizer a verdade, ainda que seja com perigo de vida».

João Facundo era homem de oração. Extraordinário era o seu zelo em conservar a graça santificante e evitar a menor mácula de pecado.

A confissão figurava entre as práticas quotidianas e se os confrades o repreendiam, achando-o exagerado neste ponto, respondia-lhes: «Não tenho garantia da minha vida e não sei o momento em que Deus me chamará para dar conta da minha administração. Vejo homens morrerem repentinamente; vejo outros perderem o juízo no dia da enfermidade; que mal faço eu, em preparar-me com antecedência? Confesso-me, porque tenho pecados». Assim falava um Santo, que nunca tinha cometido uma falta grave.

Sempre pronto para ouvir as confissões dos que o procuravam, fez um grande bem às almas penitentes. Aos impenitentes, negava a absolvição, enquanto não se arrependessem e fizessem penitência.

Anuncie em «A VOZ DE MELGAÇO»

ta de respeito, de subversão. Nada!

Com todo o respeito, humildade e modestia, para edificação do Corpo Místico. Da Gaudium et Spes: «seja reconhecido aos fiéis, clérigos ou leigos, a justa liberdade de investigação e de pensamento, bem como a justa liberdade de exprimir as suas ideias, com humildade e firmeza nos assuntos da sua competência». Na boa linha, pois!

Agradecimento

A família de Aurora Augusta de Melo Araújo, desta Vila, extremamente sensibilizada pelas muitas provas de estima e consideração que lhe patentearam nesta dolorosa emergência, vem por este meio agradecer muito reconhecida, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária.

Pela Família

Fernando de Melo Araújo

CASEIRO

Precisa-se de caseiro para uma quinta de grande rendimento, boa de servir, não longe da vila de Melgaço. O caseiro tem bastantes regalias.

Assine e Anuncie na

«A VOZ DE MELGAÇO»

Antigualhas Melgacenses

(Continuação da 1.ª página)

resse, embora modesta, pois no taxamento das rendas eclesiásticas em 1320 aparece S. Lourenço de Prado com 12 libras, a mais baixa de todo o arceidiago de Valadares que abrangia as terras de Melgaço. Não era rica, mas já tinha pelo menos aquele casal em seu património, e o Cabido aforou-o porque Prado era dependente de S. Paio que tinha ficado no quinhão do Cabido na partilha de bens eclesiásticos feita entre o Bispo e os Cônegos de Tui em 1156, a que aludi ao falar de S. Paio.

No Igrejário de D. Diogo de Sousa, aí por 1520, claramente aparece a paróquia de Prado, que tinha os rendimentos eclesiásticos divididos em dois benefícios, um com cura e outro sem cura, isto é, metade eram para o cura, sacerdote que atendia os paroquianos, e metade eram para o beneficiado que apenas tinha as honras e proveitos sem qualquer trabalho.

No dito Igrejário e na categoria das igrejas anexas in perpetuum na Terra de Melgaço, encontra-se São Lourenço de Prado à Câmara de São Paio a metade com cura e a metade sem cura. Ao falar de S. Paio já disse que a Câmara do Arcebispo devia ser a sede do arceprelado.

Para a história de Prado e Remoães alguma coisa nos fornece o Foral de Melgaço outorgado por D. Manuel I em 1513. Aí nos aparece a freguesia de Prado claramente expressa com 16 casais. Apenas 2 pagavam fóro ao Rei, que eram o de Gonçalo de Sandim e o de Afonso de Barronda.

Vem mencionada a freguesia de Várzea com a Quinta da Várzea, que era reguenga, isto é, património da Coroa, como hoje dizemos património do Estado.

Sob o título de *Pesqueiras da Várzea* de novo aparece a denominação de *freguesia da Várzea* e no mesmo título descreve também as de Remoães.

Seria freguesia da Várzea com a paroquial em Remoães? Haveria a freguesia de Remoães e por confusão lhe chamariam da Várzea?

Possivelmente seria uma divisão apenas civil, porque no atinente a *pesqueiras* as de Remoães pagavam igual às de Prado e diferente das da Várzea.

De notar que no Igrejário de D. Diogo de Sousa não aparece ali qualquer igreja. A ermida de S. Marcos ainda existe, mas de domínio particular e não há memória de que fosse paroquial.

A Várzea, era do concelho de Melgaço, embora integrada no domínio religioso do mosteiro de S. Salvador de Paderne que era do termo de Valadares. Em 1650, a 22 de Julho procedeu-se à demarcação do termo de Valadares com o de Melgaço, a principiar junto ao rio Minho onde se chamava *Pombeiro*, pelo regato da Barqueira acima até chegar à estrada pública (estrada velha) que vinha de Valadares para Melgaço onde havia um marco antigo redondo e sem letras. Nele foram então postas a palavra REY e a data 1650. Seguiu a demarcação pelo regato até à Veiga de Santa Maria, onde havia outro marco, junto a uma parede, no qual foi posta igual inscrição. Dali seguiu ao monte de Apião (?), junto da veiga da Maceira, onde havia outro marco em que se fez igual inscrição. Dali pela água abaixo do rio que vai da Ponte das Lages para a Ponte da Folia, até chegar às mestas da Cidade, que é onde sepultam as águas a cima da Ponte de Remoães que o mesmo era que Ponte da Folia, como pode ler-se no inventário da Casa de Vila-Real (à qual pertencia Valadares) em confisco motivado por tração de seus Senhores.

Na Corografia Portuguesa primeiros anos do século XVIII, cita o P.e Carvalho da Costa as freguesias de Prado e Remoães, anexas de S. Paio, e diz ao falar de Remoães: «Aqui está a Juradia da Várzea sujeita a Melgaço, mas da freguesia do mosteiro de Paderne em Valadares». Quere isto dizer que civilmente a Várzea era da freguesia de Remoães e concelho de Melgaço, e no eclesiástico era da freguesia do Salvador de Paderne e concelho de Valadares.

A terminar devo dizer que, após tudo o exposto, devemos reconhecer na antiga ermida de S. Marcos da Várzea um longínquo motivo para a formação da freguesia de Remoães. Essa ermida aparece nas inquirições de 1258 em parágrafo próprio. Entre os homens bons que foram ouvidos não aparece qualquer clérigo. Apenas disseram que a quarta parte de todo o património da Ermida é reguenga, isto é, da Coroa. Igual importância foi dada na vila de Melgaço. A situação era igual à de Prado e S. Paio.

Para já nada mais.

P. M. A. BERNARDO PINTOR

(1) Mons. Pascual Galindo Romeo — Tuy en la Baja Edad Media, documento XIX-2 a pág. XXI do suplemento.

Depois das férias...

(Continuação da 1.ª página)

este nosso amigo, esteve sempre junto de nós, melgacenses, nas grandes batalhas. Com ele e outros se comprou o aparelho de Raio X para o hospital que tanto bem nos tem feito.

Um dia, já distante, o sr. Joaquim segredava-me que desejava dar 10.000\$00 a Santa Rita. No hospital, fazia falta uma ambulância e nós sugerimos-lhe que, para então, seria mais proveitosa a compra da ambulância, para serviço dos pobres. E os 10.000\$00 foram para o hospital e sua ambulância.

Tem sido um dos grandes obreiros de Santa Rita. Com ele se lançou a primeira pedra da nova igreja, com ele avançamos.

Paulo Martins, de Sante—Um simpático rapaz, ainda solteiro, que na altura dolorosa da saída das Irmãs, do hospital, num país que não tinha enfermeiras em número suficiente pôs o seu carro e o seu colega sr. Augusto César Fernandes, da Carpinteira, e com ele se avançou, só num dia, por cerca de 600 quilómetros por essas terras do Norte, à procura de pessoal. E isto felizmente enquanto a nossa gente, descansada, confiando na Mesa da Santa Casa, podia dormir tranqüila... 600 quilómetros, só num dia! Mas o hospital não fechou.

O Armando Malheiro, o António Inácio—Ambos em França, ambos de Melgaço. O primeiro, alma da nossa confraria vicentina em Melgaço e em França, membro da Acção Católica. O sr. António Inácio, a quem tantas despesas fez, em serviço do hospital e de Santa Rita, franqueando-me a sua casa, e as suas numerosas amizades, em que tanto se fez. E tantos dias e sempre com o mesmo sorriso. Como o Armando Malheiro... Não voltarei mais a França, na missão que lá me fez ir. A idade, o cuidado dos nossos 5 irmãos velhinhos em Santa Rita não me deixam andar por longe. Mas aqui os venho lembrar e, neles, a todos, quanto nos deram o seu coração, para estas belas obras a serviço do Pai. E foram muitos.

Pois aqui passou alguém na nossa terra. Como Santa Isabel, podemos dizer:—Magestade, levo flores. Passaram flores na nossa terra. Quantas coisas grandes e belas se podem fazer na nossa terra.

Padre CARLOS

Salvador da Cunha

Acompanhado de sua esposa Sr.a D. Fernanda do Rosário Gonçalves, filho Pascal Gonçalves da Cunha e sua cunhada Mademoiselle Madalena Gonçalves, esteve entre nós durante alguns dias o nosso conterrâneo e estimado assinante em França Sr. Salvador da Cunha, tendo terminado as suas «vacanças» em Vila Praia de Ancora, donde, daquela praia, partiram para Villenoble 93—França, onde residem.

Desejamos a todos que tivessem feito boa viagem e felicidades.

Promoção

Por despacho de Sua Ex.a o Senhor Ministro da Marinha, foi promovida a Cabo daquela prestigiosa Corporação, o nosso amigo e conterrâneo Sr. Armando Pinto Rodrigues, que actualmente se encontra a prestar serviço no Posto da Fiscalização de Pesca, desta Vila.

Por tal motivo, felicitamos o nosso amigo Armando, desejando-lhe as maiores facilidades, no desempenho das suas funções.

AGRADECIMENTO

A família do nosso conterrâneo Sr. Manuel Baptista Gonçalves, recentemente falecido na cidade de Posadas—Misiones (Argentina), extremamente sensibilizada pelas muitas provas de estima e consideração que lhe patentearam nesta dolorosa emergência, vem por este meio agradecer muito reconhecida, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária.

Pela Família
Doutor Alípio Gonçalves

Pensamentos

«Quando não houver mais lenha, apagar-se-á o fogo; assim, desterrado que seja o mexeriqueiro, apaziguar-se-ão as contentas».

Prov. XXVI-20

«Que coisa será limpa por um imundo? E por um mentiroso que verdade será dita?».

Eclesiást. XXXIII 4

«O que tocar o breu, ficará manchado dele; e o que trata com o soberbo, pegar-se-lhe-á a soberba».

Eclesiást. XIII-1

Sociedade

Aniversários

Fazem anos: hoje, D. Beatriz Ribeiro Lima de Almeida, D. Maria Fernanda de Lourdes de Carvalho e Castro; no dia 3, D. Glória da Conceição Monteiro de Sousa Pinto, e dr. Walter Belger Alves Sam-Payo; no dia 4, D. Florentina de Carvalho, D. Maria Leonor Ribeiro Domingues, e o menino David Monteiro da Silva; no dia 5, D. Maria Domingues, e o rev. padre Carlos António Salgado Vaz; no dia 6, o menino Manuel Luis Dantas Ribeiro; no dia 7, D. Maria Laura Madeira Marques Craveiro Solheiro de Oliveira e D. Maria Eugénia Fernandes; no dia 8, a menina Maria de Fátima Gonçalves; no dia 9, D. Leonor de Barros Durães Lima; no dia 10, D. Maria Rosa Soares Calheiros Lobato, e a menina Maria Vitória Fernandes de Magalhães; no dia 11, D. Deolinda do Carmo Esteves Carabel e D. Maria Emilia de Barros Durães; no dia 12, D. Maria dos Anjos Domingues Costa, a menina Evangelina do Livramento Gonçalves, e Joaquim José Guimarães da Costa; no dia 13, D. Maria do Carmo Esteves da Cunha e prof.ª D. Maria das Dores Rodrigues Domingues, Dr. Alvaro Ribeiro Marinho, Manuel Gonçalves da Cunha e Rodolfo Amadeu Fernandes; no dia 14, a menina Estela Pinto Ribeiro.

Assine, Anuncie e Propague
«A Voz de Melgaço»

«Conheça MELGAÇO»

ROUÇAS

(Continuação)

Antigamente, em todos os domingos e dias santos do ano, vinham visitar a Senhora numerososromeiros de muitas léguas em redor, tanto portugueses como galegos, mas a sua festa principal em um domingo de Julho. E esplêndida e concorridíssima. A padroeira desta ermida se atribuem muitos milagres.

Mencionarei apenas um reputado como tal, por se prender com a nossa História. Pelos anos de 1660, durante a Guerra da Restauração, indo Gregório Vaz, natural desta freguesia e soldado do Exército Português com mais dois camaradas reconhecer os movimentos do exército castelhano que se achava acampado nos Arcos (Galiza), caíram todos três em poder do inimigo, Gregório Vaz invocou o patrocínio de Nossa Senhora da Graça e prometeu-lhe, se o livrasse da morte, de ser eremita da sua capela e de a servir toda a vida.

Filipe IV mandava enforcar todos os prisioneiros que caíam nas garras dos seus soldados e os nossos três portugueses tiveram a mesma sorte. Gregório foi o último a ser enforcado, mas a corda partiu-se e o desgraçado caiu no chão sem sentidos e com a garganta horrivelmente ferida.

Foi julgado morto, e com os seus camaradas, foi abandonado aos pés da forca, mas quando no dia seguinte vieram os frades franciscanos para lhes darem sepultura, acharam Gregório sentado, encostado a uma mão, e tendo na outra umas contas. Os frades também eram castelhanos, e, portanto, tão inimigos dos portugueses como as tropas do neto do «Diabo do Meio Dia» e, em vez de terem caridade com tão grande infeliz, o entregaram ao carrasco, que lhe deu duas lançadas, que o atravessaram do peito às costas. Os frades o levaram a enterrar, mas, pelo caminho viram que dava ainda sinais de vida.

Desta vez, enfim, atribuíram o caso a milagre, e o curaram. Foi depois remetido para a Corunha (então capital da Galiza) e metido em um cárcere.

Filipe IV teve notícia deste facto e atribuindo-o também a milagre (ainda maior), mandou-o

Quantas situações

a rever

nas estruturas da IGREJA

«Pobres jornais que vivem apenas da dedicação desinteressada de meia dúzia de «carolas»! Se acaso há sobras são encaminhadas para outras necessidades mais ou menos prementes. E lá vai a esmolimba da colaboração «por amor de Deus». O que nos salva é uns restos de brio e entranhado sentido da grandeza da obra em que nos empenhamos.

Quantas situações a rever nas estruturas da Igreja! Não acontece que se peça demasiado à generosidade de uns tantos, conservando-se outros instalados, tranquilamente, nos seus nichos feitos de facilidades, enraizada segurança económica e mesuras sociais.

O tema é delicado, mas nem por isso (ou por isso mesmo) pode passar em julgado, sem a necessária revisão.

Deixemo-nos de humildades de fantasia, de improvisados apelos ao sacrifício alheio, enquanto nos encolhemos precisamente, nos pequenos nadas bem escolhidos do saboroso «pé de meia».

Aí temos uma tarefa, entre muitas, a pedir atenção aos Responsáveis da vida diocesana.

Valha-nos a esperança do acolhimento no Asilo da Ordem Terceira, para aqueles que pertencem à respectiva Fraternidade».

«Correio de Coimbra» de 12 de Agosto.

soltar e deixar vir em paz para Portugal. Gregório cumpriu o voto e foi viver para junto da ermida da Senhora, mudando o nome para Gregório da Graça, e ali faleceu de avançada idade, pois ainda vivia em 1712, quando Frei Agostinho de Santa Maria publicou o 4.º volume do seu «Santuário Mariano». Ainda então conservava cicatrizes das feridas. Isto consta de documentos que existem na Secretaria das Mercês e de um alvará assinado por D. Pedro II, e pelo qual o rei mandou dar a Gregório da Graça um tostão por dia, para seu sustento.

(Continua)

Agência de Viagens «RUMO»

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

CUPROSAN-SUPER AZUL

FUNGICIDA ORGANO-CÚPRICO (com 37,5% de cobre) (maior percentagem de o próprio sulfato). O produto que não tem similares. Ideal para as sulfatações após a limpeza (purga).

Procure-o no seu vendedor habitual.

Distribuidor no concelho de Melgaço:

Miguel Henrique Gonçalves Pereira

Rua da Calçada Telef. 42212 MELGAÇO

Vinho do Porto **BARROS**

De todos o mais saboroso De todos o mais preferido

REGIST. BRAND. OPORTO

Lágrima Christi **BARROS** em França o mais apreciado

De Chaviães

Correio atrasado — De um nosso assinante residente em Chaviães — Melgaço, recebemos uma carta de que transcrevemos o seguinte:

«Desde o dia 1 do corrente mês, que recebo o vosso jornal atrasado um dia.

Isto se deve a ter acabado uma mala do correio, Portela do Couto, nesta freguesia de Chaviães, que chegava por volta das 4 horas da tarde, e a partir dessa hora podíamos levantar o correio.

Acabaram com a mala e o correio fica retido na estação de Melgaço e só é distribuído no dia seguinte, recebendo o correio por volta das 9 horas.

Mas o pior é que o correio de Lisboa, jornais, só chegam passados dois dias. Acresce ainda que, com esta modificação introduzida, o correio de sábado só é recebido na segunda-feira.

Parece-me que esta modificação não veio beneficiar esta povoação, mas pelo contrário fez com que as notícias cheguem atrasadas».

Do Diário do Minho
de 14-7-71

«Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura» — Já foi dito neste quinzenário, a necessidade e a conveniência para os carros grandes, mormente de passageiros, do alargamento do pequeno largo que fica no terminar da nossa estrada, ou seja junto do cemitério. Já aqui foi dito também, que uma camionete com excursionistas teve de fazer marcha-ré desde o dito largo até à estrada nacional no Vizo, por não lhe ser possível dar volta.

Segundo caso se nos deparou no dia 20 do mês passado, aquando da visita de Sua Ex.^a Rev.^{ma} D. António Reis Rodrigues, Presidente da Comissão Episcopal das Migrações, a esta freguesia, que se fazia acompanhar de uma grande comitiva. O veículo em que se transportavam, por não ter a onde dar volta, igualmente teve de recuar até ao Vizo.

Estas peripécias da vida, que as nossas autoridades podiam evitar com pouco dispêndio para a Fazenda Nacional, não só nos desclassificam, como também nos mal dizem. O nome que tem a placa do Vizo devia sair e em seu lugar devia ser posto o sinal de passagem proibida aos carros pesados. Assim não cometeríamos a falta de enganar os que nos visitam.

E já que falo na nossa estrada, mais uma vez relembro às nossas Dignas autoridades responsáveis, a necessidade do seu alcatroamento. Embora presentemente se encontre bem arranjada, as casas que a margem não podem ter as portas nem as janelas abertas devido à enorme poeira que os automóveis levantam na sua passagem.

Avalanche de Emigrantes — Em gozo de merecidas férias, vêem-se nesta freguesia grande número de emigrantes residentes em França.

— Vindo da Alemanha Ocidental, também de visita aos seus familiares, tivemos o prazer de cumprimentar o sr. António Abílio da Cunha que se faz acompanhar de sua esposa e filho.

— Também de Lisboa, acompanhado de sua esposa e filho, em visita à sua família, tivemos entre nós o sr. Carlos Lourenço, comerciante naquela cidade.

Fim de Curso — Completou o curso da Obra das Mães na Escola Dr. Luis de Castro, em Braga, a menina Maria Amélia Gonçalves Esteves, do lugar do Escuredo, filha do nosso amigo João Esteves e da sr.^a D. Esperança Gonçalves.

As nossas felicitações e desejos de muitas felicidades.

Doente — Encontra-se bastante doente num dos hospitais do Porto, o nosso conterrâneo e amigo, sr. José Alves Ramos, do lugar da Bouça, e a quem desejamos rápidas melhoras.

Baptizado — No passado dia 31, foi baptizado na Igreja paroquial, o menino Alberto António Lopes, nascido em França, filho de Josefina Emília Rodrigues e de Augusto Lopes.

Foram padrinhos, Maria Júlia Esteves e António Augusto de Castro.

— Ao recém-baptizado desejamos-lhe as maiores felicidades.

Falecimento — Faleceu no lugar de Gondufe, no dia 4 do presente mês, a sr.^a Preciosa Machado, solteira, de 73 anos de idade.

O seu enterro realizou-se no dia seguinte para o cemitério desta freguesia, com grande acompanhamento.

Que o Senhor tenha no Eterno Descanso a sua alma, e à família enlutada apresentamos sentidas condolências. — C.

De Parada do Monte

Agosto, 25

Festividade em honra de S. Mamede — Foi no passado dia 17 que se realizou a festa em honra de S. Mamede, padroeiro desta freguesia. No dia 16 à noite houve procissão de velas, com grande acompanhamento. No dia 17 houve missa solene a grande instrumental pela Banda da Casa do Povo de Tangil. No fim da missa saiu ao Cruzeiro uma imponente Procissão e com o andar de S. Mamede e os Pastinhos que mais realce deram à Procissão. Da parte de tarde houve arraial muito animado e abrilhantado pela referida Banda e alti-falantes até às 7 horas da tarde.

A nossa ponte — Ainda se encontram parados os trabalhos da ponte, melhoramento que tanta falta nos faz. Se assim continuar, estamos em crer que ainda não fica pronta este ano.

Na estrada andam lá meia dúzia de trabalhadores, motivo porque o seu arranjo está a ser muito lento.

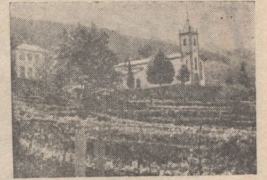
Chegadas — De França chegaram a esta freguesia os srs. José Afonso, Manuel Domingues, José Pires e Manuel Alves.

O tempo e a agricultura — O tempo continua como sempre: chuva, nevoeiro e por vezes frio. Os fenos ainda se estão a recolher, os centeios ainda estão sem malhar, os milhos ainda agora principiaram a espigar e a vinha está muito atrasada. — C.

De Rouças

28-8

Por Santa Rita



PARTIDAS — Partiu para França, acompanhado de sua esposa e filho Carlos, o nosso estimado assinante, Carlos Rodrigues, de Requeijo, que agora anda a fazer uma casa no Crasto.

— Também esteve aqui alguns dias, tendo já partido para Viseu, a terra de sua esposa o nosso querido amigo Sr. Alberto Augusto Gonçalves, de Corções. O nosso abraço de despedida.

ZÉ GRANDE — Pois também se nos foi embora o nosso amigo Zé Grande, de Cavaleiros. Como ainda recordo a passagem do Zé Grande por uma das avenidas de Paris, no meio duma grande multidão de carros e motocicletas, emergindo com a sua cabeça, do meio de todos os outros. Era um sucesso!

CASAMENTOS — Em Braga, no santuário do Bom Jesus do Monte, casou há dias a gentil menina, Maria de Jesus Alves, filha dos nossos amigos Sr. Manuel Lourenço Alves e de sua esposa, Silvéria Martins de Castro, de Cavaleiros.

O evento reuniu em torno da família muitos dos seus amigos.

— Na freguesia de Mamarrosa, diocese de Aveiro, casou há dias a gentil menina, Maria Fernanda Fernandes, filha dos nossos amigos, Hipólito e Laurinda Fernandes, dos Colmeios, que até há pouco residia em França e para ali volta em breve. A cerimónia religiosa e o almoço tiveram a presença de muitos amigos. Os nossos parabéns.

BAPTIZADOS — A quinze de Agosto, foram baptizados dois filhinhos do Sr. Ventura e de sua esposa Marinha, da Igreja, que nasceram em França. Foram padrinhos os tios, Srs. Cabo Maximiano Alves e Esposa e Américo Lobo, de Pomares e sua esposa. A menina chama-se Amabelina e o menino ambos muito lindos, Eduardo.

— Também, no mesmo dia, foi baptizado um menino, de nome Manuel Augusto, filho dos nossos amigos Srs. Manuel Augusto de Lima e de sua esposa, Sr.^a Maria de Jesus Alves. Foram padrinhos os nossos estimados assinantes, Sr. Manuel Augusto de Castro e sua esposa, Sr.^a Maria da Glória Gonçalves. A mãe da criança tem estado muito doente num dos hospitais do Porto, mas, graças a Deus, já venceu a crise e logo vem para casa. Mas foi um susto!

FESTA DE NOSSA SENHORA DAS DORES — Tudo se prepara para que a festa de N. Senhora das Dores, de Cavaleiros seja grande. A novena começa amanhã.

Pensamento da quinzena

«A razão é a primeira autoridade, e a autoridade é a última razão».

J. Draper

Dr. Ismael da Trindade

ADVOGADO

Mudou o seu Escritório para o Palácio da Justiça

(REGISTO PREDIAL)

TELEF. 52295

MONÇÃO

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO

SOLICITADOR

★

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

- ▶ Este mês de Agosto...
- ▶ Mais obras...
- ▶ Uma vaquinha...

Neste mês de Agosto, em que muitos dos nossos conterrâneos vieram até junto dos seus, bastantes deles passaram por este santuário a fazerem a sua visita, a deixarem as suas ofertas, a ver as suas obras e rezarem.

Foram muitos os que por aqui passaram. Entre eles, um simpático rapaz, de Corções, o Alberto Augusto, agora em Lisboa, que de pequeno foi aqui o encanto de todos. Num cortejo que se realizou para Santa Rita, o Alberto veio também e trouxe um lindo coelhinho branco. O Alberto e o coelho foram a festa daquele dia. Todos lhe acharam imensa graça. Pois aqui esteve o Alberto com sua esposa e aqui recordamos o cortejo e o coelhinho. O Alberto deixou a sua oferta na caixa e, para os nossos irmãos, os Pobres, com palavras de muito carinho, deu-nos também muito do seu coração e 60\$00.

Mais obras — Nesta semana teremos aqui os artistas respectivos para se fazer a casa de banho (a outra fica longe) e mestre Ribeiro aguarda que venha a madeira, para continuar os seus trabalhos. Vamos indo... Sempre um pouco mais, para o muito que há a fazer, mas andamos sempre, graças a Deus.

Uma vaquinha — O pessoal da casa não se calava: — que desejava uma vaquinha, que precisava de leite para as suas refeições... E a vaquinha está aí a chegar. Uma gaviéirinha, habituada ao monte. Monte e carinho — é o que aqui vai ter a pobrel! Mas não estranhará, certamente. O pior é se nos falta o sr. Tristão.

O pessoal — O pessoal tem também as suas promessas e lá foi à Senhora da Penada o sr. Tristão. Agora está para lá a sr.^a Lana e a seguir vai a «tia» Laura. Pois então...

Os donativos têm chegado também, graças a Deus. E assim dos srs.: António Joaquim Pereira, Alpião, 120\$00; Dolores Alves, Riba do Mouro, 50\$00; diversos dali, 11\$00; Esperança de Jesus Alves, também de Riba do Mouro, 100\$00; Ivo Branco, Cavenca, 1.000\$00; Maria do Rosário Domingues, Fontes, 10\$00; da menina Rosa de Jesus Domingues, madrinha de Santa Rita, de Fontes, mais 10\$00, com palavras de muito carinho para os nossos velhinhos e muitas prendas; Maria Esteves, Pomares, 5\$00; Anónima, de Riba do Mouro, 20\$; Albertina Fernandes, também de Riba do Mouro, 5\$00; D. Maria da Conceição Lourenço, vila, 500\$00; D. Palmira de Jesus Domingues, de Prado, madrinha de Santa Rita, no Brasil, mais 1.000\$00; Anónima, de Prado, 100\$00; menina Maria da Conceição Gonçalves, 50\$00; Manuel Bernardino, Peso, 50\$00; Rosa Durães, Real, S. Paio, 200\$00; Manuel Durães e esposa, de Bilhões, quando da sua vinda aqui de terras de França, mais 115\$00; César Augusto Fernandes, do Brasil, mais 1.000\$00; Paulo Martins, de Sante, estabelecido no Brasil, como o sr. César, mais 1.000\$00; Delinda Rodrigues do Crasto, 5\$00; Amílcar José Domingues, de Santa Rita, 120\$00; no cofre, 553\$50; Fernanda Gomes Rodrigues, Aldeia, Paderne, 50\$00; Maria Violante Rodrigues, 40\$00; Conceição Costa Araújo, Crujeiras, 10\$00; Palmira de Lurdes Bailão, Paços, 10\$00; Anónimo, vila, 100\$00; Anónimo, Chaviães, 55\$00; outro senhor, também de Chaviães, 24\$00; Augusto Magalhães, de Cristóval, 30\$00; Dulcinea Nôvoas Gonçalves, de Paderne, mais 50\$00; Ermindo Fernandes, Eira, 1.000\$00; no cofre, 690\$00; Maria Teresa Carabel, 50\$00; Aúrea de Jesus Carpinteiro, Outeiro, S. Paio, 20 N. E.; Puga, de Paderne, que tantas vezes está conosco nestas obras para Santa Rita, mais outra oferta de 130\$00, Fátima Fernandes, Costinha, 100\$00; Américo Luiz Gomes, de Prado, 10\$00; Manuel José Simões Durão, que há tempos foi operado ao coração, em Paris, aqui veio também a Santa Rita, com sua esposa, trazer a sua oferta de 100\$00, com palavras de muito apreço pela obra; Maria Leonor Pereira, da Vila, um par de brincos; Maria Gonçalves, Aldeia, 5\$00; Ricardo Domingues da Rocha e esposa, 100\$00; José Maria Afonso, de Cavaleiros, estabelecido no Brasil e que aqui tem estado conosco, os seus 100\$00 e não esquece a capelinha da sua terra, Cavaleiros, para onde comprou uma linda imagem de Nossa Senhora de Fátima; Piedade de Jesus Cardoso, Eira, 100\$00; Maria Marques Sobral, 16\$00; Maria Augusta Marques, Soutomendo, 20\$00; Clementina Martins, 20\$00, por intermédio da irmã do sr. padre Justino, digno Arcipreste, 5\$00; José Rodrigues, de Bilhões mas a trabalhar em França, 50\$00; de seu irmão Manuel, que agora vieram até à sua terra e no seu carro, 50\$00. Como esta vai longe, ficamos por aqui. Graças a Deus. Obrigado o

Padre CARLOS